



IAGO PEREIRA E ROI LAMAS | MEMBROS DO CENTRO SOCIAL 'O GUINDASTRE' |

## “Queremos conservar o carácter proletário e rebelde do bairro”

**AURÉLIO LOPES / Um novo centro social abre as suas portas na comarca de Vigo. O colectivo 'O Guindastre' instala-se na Rua de Xuliam Esteves, em Teis, para dignificar este bairro operário e dar continuidade entre a gente nova à tradição mais reivindicativa do associacionismo vizinhal. A sua legenda "O Guindastre para todos!" define bem a intenção de ser um local de referência para a vizinhanza de Teis. Falamos com Iago Pereira e Roi Lamas, que nos detalham os seus objectivos.**

### Como nasce 'O Guindastre'?

Iago Pereira: Falávamos de que queríamos fazer algo no bairro, e começamos com o 'Mundialinho Anti-Racista', que figemos antes do Verao. Depois começamos a termos reuniões com a ideia do local social.

### Por que um 'Mundialinho Anti-Racista'? Como decorreu esta actividade?

Roi Lamas: Os impedimentos dos políticos, sobretudo do Bloco, fôrom mui grandes. IP: Falamos com o tenente alcalde de que nos queriamos autogerir e ergueu-se dizendo "entom que fazemos falando?". Queriamos pedir-lhe a luz, e ele ofereceu-nos umhas taças que nós nom queriamos dar para nom fomentar a competitividade. O motivo de que o mundialinho fora anti-racista som certas agresssons

racistas que tivérom lugar no bairro, pintárom a furgoneta da loja de uns imigrantes africanos, pintárom o carro a um companheiro do Guindastre na porta da sua casa... Teis começou a ter fama de ser um bairro fascista, de nazis, e nós nom podemos consentir isso. Também o figemos para lhes fazer frente.

### Que mais actividades tendes pensado fazer?

IP: Como já chegárom multas a alguma gente pola Reconquista da Ilha de Toralha, e pola protesta contra a Powerboat, temos pensado fazer umha jornada para tirar dinheiro para ajudar a pagá-las.

RL: Pensamos convidar colectivos a dar charlas. Queremos que venham 'Vozes polo Litoral de Teis', vamos dar um obraido de boxeo, montar um

rocódromo e fazer excursions. Achamos que este momento, mais que reivindicativo, vai ser para chamar a gente do bairro com ofertas culturais, sem perder nunca a perspectiva de fazer política, claro.

IP: Os vizinhos vam entrado e perguntam que actividades se vam fazer, quando começamos.

### Sodes o quinto centro social que abre na comarca, como analisades estas iniciativas?

IP: Deveria haver um centro social em cada bairro para que os vizinhos poidam reunir-se. Sempre gostei de esta ideia: algo que nom tenha a ver com ningum partido político e onde cada quem poida exprimir o que pensa.

RL: Eu penso que, anida que pareçam muitos cinco centros sociais na comarca de Vigo, com a movida que há por aqui ainda som poucos. Vigo sempre foi umha cidade mui criativa e inovadora em muitos sentidos.

### Começades com a campanha 'Fala com os vizinhos e nom de eles', o que é que quer dizer?

RL: Nom queriamos que o

centro social fosse um sítio para os que fazemos todas as actividades e vamos a todos os concertos, motivado só na cousa cultural, mas chegarmos à gente normal. O máximo nexo de uniom que temos é que somos vizinhos. Este é um bairro proletário, sempre foi mui rebelde, nom queremos que isso se perda.

RL: Agora, muitos estamos no desemprego, mas o Guindastre é mui significativo do bairro, porque aqui todos somos 'curritos', e isso queremos que fique imprimido no local.

### A situaçom da língua na comarca é dramática, tendes pensado algo para fazer frente ao problema?

RL: Este vai ser um sítio monolíngüe por completo e, ainda que a situaçom na comarca seja dramática, também há muito movimento em defesa da língua. Aqui é onde mais se planta cara aos colectivos que querem exterminar o galego. Muitos dos e das jovens que venhem por aqui falam habitualmente em espanhol, mas nas assembleias procuram falar em galego tendo de fazer um esforço.

## Molesta

CELSO ALVAREZ CÁCCAMO

Recentemente teve lugar em Compostela a Sessão Inaugural da Academia Galega da Língua Portuguesa, cujo presidente é o professor José-Martinho Montero Santalha, especialista em literatura medieval (em literatura medieval galego-portuguesa, isto é, em literatura medieval). Esta Academia da Língua reúne e reunirá um bom número de pessoas que levam anos a fazerem trabalho sério e dedicado. Trabalho reintegracionista, como o desta publicação.

Logo saíram declarações, comentários e artigos críticos de membros da RAG, e doutros de fora (desse fora que amiúde é querer estar dentro). Os artigos andam reproduzidos na Internet, por exemplo no Portal Galego da Língua. Eles são apenas algumas amostras do que se manifesta publicamente. E haverá mais críticas.

Por que estas críticas a uma instituição cultural galega nascente? Será porque molesta. Às vezes, até parece que para certo galeguismo a nova Academia da Língua amola mais do que *Galicja Bilingüe*. A última hora, até será porque *Galicja Bilingüe* polo menos, propõe o uso dumha língua também constitucional e estatutariamente galega (o espanhol, claro), enquanto a Academia Galega da Língua Portuguesa... molesta. Será mais estrangeira que a RAE?

Mas, o quê molesta especificamente da AGLP? Que se chame "Academia"? Que se chame "da Língua"? Que se chame "da Língua Portuguesa"? Ou que, chamando-se "da Língua Portuguesa", também se chame "Galega"? Por acaso esta duplicidade não é possível, mas a duplicidade *Galicja/Galiza* sim? Por acaso estará tão infantilizado o proverbial "Povo" (esse que enche a boca dos políticos e filólogos, isto é, dos políticos) que nunca poderá compreender que a nossa língua galega se chama também internacionalmente portuguesa? Quando estará preparado "o Povo" para o presente? Não esteve preparado no século XIX, não lhe deram tempo nos anos 1930, não existia durante o culturalismo da pós-guerra, não lhe deixaram estar preparado na "Transición"... E hoje tampouco? Nunca estará preparado o "Povo" para ter língua? É necessário irmos sempre com a bandeira do adjetivo "galego" por diante, a risco de parecermos traidores? E, em troca, essa concepção autonomista de *Galicja* como uma parte da España, não é horrível traição? Expliquem-no em baixinho, que "o Povo" nem escuta.

Mas não se entre em pânico não. Um nome sozinho não muda de imediato a realidade social da língua galega galego-portuguesa portuguesa da Galiza: o seu claro declínio actual. Disto, sem dúvida, não será culpável a nova Academia da Língua. Haverá que procurar as causas do declínio noutros lugares e noutras instâncias para compreendermos a História com a decência intelectual de, polo menos, não morreremos abraçando a mentira, que é pecado.

Mas não se entre em pânico não. Um nome sozinho não muda de imediato a realidade social da língua galega galego-portuguesa portuguesa da Galiza: o seu claro declínio actual. Disto, sem dúvida, não será culpável a nova Academia da Língua. Haverá que procurar as causas do declínio noutros lugares e noutras instâncias para compreendermos a História com a decência intelectual de, polo menos, não morreremos abraçando a mentira, que é pecado.